
Curso de doutorado no exterior: algumas reflexões

Ana Celia de Oliveira Paz

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c7>

1. A DIFÍCIL ESCOLHA: SEM ESCOLHA

A alta competitividade no campo de atuação de nós educadores, associada à precarização e à falta de vagas para o Curso de Doutorado especificamente na minha área profissional em Roraima, levou-me a buscar outras possibilidades de realizar estudos *stricto sensu* para o meu fortalecimento profissional.

Minha vida se resume na busca frequente, refletida em Freire (1997), ao revelar que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino... Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1997, p. 29).

Para conhecer o que não conhecia, mais uma vez, deparei-me com uma profunda dificuldade em realizar estudos posteriores, agora de Doutorado em Educação, no Estado de Roraima, que não tem nenhuma Instituição Superior que oferte essa especificidade.

A ideia de dar seguimento e aprofundamento às pesquisas que eu já vinha realizando no âmbito do Mestrado nunca me abandonou; ao contrário, cada vez mais eu me interessava em dar continuidade aos estudos. Assim, pensei: por que não verticalizar minha investigação no Doutorado?

Buscando realizar meu intento, pesquisei e fiz contatos com algumas IES brasileiras, mas em todas que buscava, as linhas de pesquisas eram muito limitadas e/ou

as condições de acesso e permanência eram incompatíveis com minha realidade pessoal e profissional. Neste momento, cabe mencionar que:

Com referência à distribuição de instituições de ensino superior (IES) no Brasil, ano de 2014 assinalou o total de 3.678 instituições, sendo que 1.199 disponibilizam cursos de mestrado acadêmico, 58 apenas doutorado, 1.896 mestrado e doutorado (ambos acadêmicos) e 525 com cursos de mestrado profissionalizante (SILVA; BARDAGUI, 2016, p. 4).

Os dados apresentados por Silva e Bardagui (2016) trazem informações que apontam para limitações e dificuldades que enfrentamos ao buscar um Curso de Doutorado em Instituições brasileiras de ensino, as quais apresentam restritas condições de vagas e permanência. Existem instituições, isso é fato, mas alinhar o que é oferecido à vontade de pesquisar certos objetos é o complexo dessa relação.

Realizar o “sonho” de um Doutorado brasileiro hoje, na área da educação, requer abdicar de toda uma estrutura familiar e profissional já existente em nossa vida, ao afastar-nos do nosso contexto regional. Isso impacta diretamente profundas consequências e traz sequelas (mudança de domicílio, desemprego, sindicâncias, demissões, separações, divórcios, abalos emocionais), sobretudo para nós profissionais de educação do Estado de Roraima – já que não há, ainda, no estado instituição que ofereça doutorado em Educação.

Nesses termos, muitos pesquisadores têm procurado Instituições Estrangeiras no intuito de contemplar suas tentativas pela busca do conhecimento científico. Assim, inspirada nessa situação, eu encontrei coragem e estímulo por parte de grandes profissionais da educação de Roraima que fizeram o Doutorado em Assunção/Paraguai e me indicaram o caminho a seguir. Esse cenário é possível em razão de que:

O MERCOSUL, através de uma efetiva elaboração de propostas curriculares, oportuniza o acesso ao conhecimento de forma crítica, reflexiva e participativa. É preciso efetivar a concepção dialética de conhecimento, a partir da qual se pode afirmar que um dos pontos primordiais da educação é desvelar a realidade e propor alternativas de modificação constante (SOUZA, 2013, p. 18).

Com esse objetivo em mente, realizei pesquisas e diálogos frequentes com profissionais que já haviam vivido a experiência de fazer cursos em Assunção. Essas

peessoas externaram a seriedade do trabalho acadêmico e as melhores IES que poderiam me subsidiar com experiências incríveis.

Logo pensei também que essa formação no exterior significaria uma melhoria de técnicas, valores e de estrutura profissional. Além de ter a oportunidade de conhecer mais pessoas, conhecer métodos diferentes e aprofundar meus conhecimentos com a língua espanhola, em razão de sua proximidade com a língua portuguesa, conforme argumenta Souza:

No contexto atual, a busca por estudos em países latino-americanos cresceu, por vários motivos, destacando as questões econômicas como fator principal, aliado à Língua Espanhola, cuja estrutura mais se aproxima da Língua Portuguesa (SOUZA, 2014, p. 22).

Sem nenhuma possibilidade de escolha por um curso de Doutorado no Brasil, em razão de meu objeto de trabalho, e por já ter vivido a experiência de ter cursado um Mestrado Profissional em uma instituição estrangeira (Universidad Alcalá/Espanha), em dezembro de 2013 decidi “embarcar” nesse projeto com coragem e ousadia. Tive nessa escolha a certeza de que estava fazendo a opção certa para meu futuro profissional.

2. A EXPERIÊNCIA VIVIDA...

Em janeiro de 2014, após o aceite do Projeto de Pesquisa e Memorial, embarquei para Assunção com mais cinco professoras/amigas que, como eu, acreditaram no “sonho” possível de estudar em outro país. Todas nós estávamos decididas a, primeiramente, conhecer e experimentar, para, então, decidirmos se daríamos prosseguimento ao desafio de estudarmos no Paraguai.

O primeiro módulo de aulas presenciais foi recheado de descobertas, incertezas, questionamentos e impressões diversas. Nosso primeiro interesse era verificar a procedência e seriedade dos Cursos e da Instituição no País. Suas avaliações, suas produções científicas e contribuições sociais.

A turma era uma mescla de estudantes brasileiros e paraguaios, o que enriqueceu muito nossa identificação e afinidade com o idioma local. Eram estudantes brasileiros do Distrito Federal, de Roraima, do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso, dentre outros. Logo descobrimos que no Paraguai havia mais de cinco mil brasileiros

estudando em períodos de janeiro e julho, nos mais variados cursos e etapas da pós-graduação.

Assunção vivia um período de recebimento e tratamento especialmente organizado para a recepção e permanência brasileira nessa época. Muitos contextos eram contemplados, passando por atividades acadêmicas específicas, atividades culturais e sociais ofertadas para esse período.

Hotéis, pousadas, residências de temporada, lojistas e restaurantes ofertavam promoções e tratamento em língua portuguesa e com base na cultura brasileira. Os professores se confraternizavam com os estudantes, abriam as portas de suas casas para churrascos e danças, agindo com carinho e respeito a todos, indistintamente. Essa acolhida nos fez ficar mais à vontade e acreditar que o Doutorado era possível, sim, naquele país, conduzido por aqueles profissionais e IES escolhidos.

As atividades acadêmicas eram intensas, a cultura docente era diferente, os professores eram rigorosos e disciplinados quanto ao seu tempo de aula, no que diz respeito à produtividade acadêmica que nos estabeleciam. Além do dia inteiro de sala de aula no ambiente da Universidade, ainda havia atividades domiciliares a cumprir para apresentação de trabalhos no dia seguinte, afinal, sempre nos foi ensinado que na vida “tudo se paga com amor e dor” ou que “plantamos aquilo que colhemos” (INSTITUTO ESPERANÇA DE ENSINO SUPERIOR-IESPES, 2019).

Essas atividades/tarefas/estudos domiciliares nos aproximavam muito, pois eram horas de estudos e produções acadêmicas realizadas em pequenos grupos de estudos, no quarto ou no espaço de refeições do hotel, onde entrávamos madrugada adentro preparando os trabalhos para apresentação no dia seguinte.

Em Assunção, no espaço da universidade, vivi a intensidade da vida acadêmica de uma aluna, com as dificuldades, limitações e desafios próprios da fase de descobertas e dificuldades pelas quais passamos durante anos da vida escolar. A experiência profissional na carreira docente tornou essa caminhada mais desafiadora, porém não menos rica e alegre ao mesmo tempo.

As atividades acadêmicas cotidianas eram compostas por temáticas expositivo-dialogadas pelos professores doutores, leitura de livros, artigos, textos, reflexões

aprofundadas, debates, apresentação de trabalhos ocorridos em um espaço de profundo respeito e admiração mútuos entre nós, alunos e professores.

Encerrei o primeiro módulo entendendo que eu deveria prosseguir os estudos nas etapas posteriores, retornando em julho de 2014, janeiro e julho de 2015, ano em que já consegui definir meus professores orientadores da Tese.

Nos módulos posteriores de aulas presenciais, as atividades continuaram a ocorrer de forma cada vez mais alinhada, associando as atividades conceituais de sala de aula com as bancas de defesas a serem assistidas. Como acadêmicos do curso de Doutorado, deveríamos cumprir cinco Bancas de Defesa por módulo estudado, associadas às atividades de produção de artigos e seminários acadêmicos.

3. RELAÇÃO ORIENTANDO-ORIENTADOR: FACILIDADES E ENTRAVES

A tese escolhida por mim era a verticalização da dissertação do Mestrado e aprofundamento da temática que já venho pesquisando há mais de 22 anos de vida profissional, a saber: a gestão democrática na escola pública, minha área de formação e atuação. A temática foi aceita e concordada pela orientadora indicada.

Esta experiência que conto, no que diz respeito à relação orientando-orientador, teve alguns percalços. Minha primeira orientadora orientou-me, indicou-me leituras e delineou comigo o trabalho, marcando os vieses metodológicos. Porém, por questões pessoais dela não foi possível mais continuar a caminhada comigo, nem me orientar e acompanhar a produção científica que eu estava traçando e começando a desenvolver.

Foi um momento no qual me senti perdida e desanimada, percebi que a construção de uma tese é profundamente complexa e que ela não sairia do sonho se não estivesse sustentada em uma orientação afinada, honesta e disponível para comigo. Era como se estivesse partindo do zero, novamente.

Em janeiro de 2016, cumpro mais um módulo de aulas em Assunção e saio de lá com uma nova orientadora definida, porém minha orientadora morava no Rio Grande do Sul. Diante das dificuldades impostas pela extensão territorial que vai de Roraima, no Norte do Brasil, e o estado do Rio grande do Sul, no extremo Sul do país, decidi por ter um coorientador em Roraima.

A relação com minha orientadora do Sul sempre foi de muito diálogo, respeito, admiração e carinho. Entretanto, as dificuldades eram muitas: quanto à revisão dos pontos destacados na tese, quanto ao entendimento das reflexões e textos produzidos e quanto aos autores destacados. Era como um movimento de ir e vir frequente que não me fazia sentir a certeza de que estava sendo compreendida pela minha orientadora.

Assim, questionei a ela se poderia estar mais frequentemente com meu coorientador, sem o risco de alterarmos os rumos de orientação da tese. Ela me atendeu e me apoiou prontamente. Dessa maneira, meu coorientador foi a luz que eu precisava para me sentir mais confiante e produtiva. Nossos diálogos e construções conjuntas me deram a certeza de que era possível, por fim, construir e dar vida à tese tão sonhada.

A gestão democrática na escola pública foi pesquisada no universo de uma escola de ensino médio regular no município de Boa Vista. Todos os instrumentos de pesquisa foram pensados e aplicados nesse contexto escolar. Nesse momento, mais uma vez me deparei com as dificuldades inerentes à caminhada de pesquisadora, pois os instrumentos de pesquisa também passaram pelo movimento de idas e vindas, avanços e retrocessos. Esse foi um momento em que senti que estava muito desgastada e cansada emocionalmente.

Esse sentimento corrobora bastante com uma pesquisa publicada na *Nature Biotechnology*, dirigida pela pesquisadora Evans e colaboradores (2018) (e continuada, posteriormente, pelo pesquisador Nathan Vanderford), da Universidade de Kentucky (EUA), apontando que os doutorandos são seis vezes mais propensos a desenvolverem ansiedade e depressão em comparação com a população em geral e que nós, mulheres que fazemos doutorado, temos 27% mais chances que os homens de padecer de problemas psiquiátricos, pelas tensões que sofremos ao longo do percurso.

Assim, paralisei após a aplicação dos instrumentos e novamente fui buscar ajuda para a análise dos resultados. Com minha orientadora muito distante, e meu coorientador em frequentes viagens em razão de seus compromissos na Universidade, volto a buscar auxílio em minha primeira orientadora (aquela que não pode, por razões pessoais, continuar), afinal os orientadores, nas suas escolhas, tendem a valorizar características técnicas dos orientandos, enquanto os orientandos valorizam as características afetivas e pessoais dos orientadores (LEITE FILHO; MARTINS, 2006).

Ela se dedicou muito a mim, foram dias e dias de muita produção, análises e leituras, triangulações e reflexões, até que, por fim, a primeira versão da tese para a qualificação se edificou. Na minha qualificação, não pude contar com a presença dos meus orientadores, nem dela nem dele, que tanto me haviam ajudado. Mais uma vez senti as dificuldades que a ausência deles vinha me trazendo ao longo do processo de orientação.

Quero compartilhar que, na qualificação, não estava me sentindo à vontade. Foi um dia especialmente difícil, pois senti que tive um “apagão” dos raciocínios e conhecimentos adquiridos. Depois vivi a sensação de nada lembrar e não lembrei mesmo. Já qualificada, com nota 3, e muitas adequações a fazer, retomo a tese para aplicação do último instrumento de pesquisa e preparação da versão final do documento para a tão temida defesa final.

A minha defesa de tese também aconteceu sem a presença dos meus orientadores. Por questões acadêmicas e de falta de disponibilidade (período de aulas) deles, mais uma vez, não estiveram comigo. Senti muito essa ausência, porém defendi com seriedade e segurança os resultados da nossa pesquisa sobre o processo de gestão democrática na escola pública.

4. SENTIMENTOS EXPERIMENTADOS NESSES ANOS (2014-2017)

O que dizer da minha defesa de tese? Foi especialmente perfeita! Um dos melhores dias já vividos na experiência do Doutorado. Um dia frio do mês de maio de 2017 com a presença das companheiras de jornada formativa, a presença das minhas filhas, do meu marido e da minha amada irmã. Realizei a defesa com fé, com a segurança de que ninguém saberia mais de minha TESE do que eu mesma, e com a certeza de que tudo o que evidenciei por meio da pesquisa foi uma aprendizagem real.

Mais uma vez meus orientadores não estavam presentes, mas contribuíram muito para o sucesso que vivenciei até aquele momento. Só após a defesa, parei para refletir sobre todos os momentos que vivi até chegar a alcançar o tão sonhado Doutorado – título especialmente importante para quem busca fazer educação com seriedade e engajamento.

O ápice desse momento me trouxe reflexões do quanto nunca me limitei nem me abalei pelos reveses da vida. Sempre fui impulsionada pelo sentimento de buscar o melhor a cada dia para mim, convicta de que minha jornada de aprendizagens pode deixar um legado para gerações futuras alcançarem seus sonhos, transformando-os em realidade pura e simplesmente. Assim, vejo-me sempre pensando em meu sonho: “O sonho é uma realidade que gostaríamos que desse certo ou não, mas se for bom por que não buscarmos alcançar” (MARQUES, 2013, p. 5).

Mesmo que eu estivesse envolvida na concretização desse sonho – e no geral tenha vivido lindos momentos –, sofri com a distância das minhas filhas “bem pequenas”, sofri a falta de recesso e de férias docentes em períodos nos quais todos os colegas de profissão estavam descansando para as etapas seguintes. Sofri a falta de compreensão “familiar” por me verem mais uma vez priorizando os estudos, a formação, a profissão e “preterindo” a família. Sofri o cansaço das longas distâncias percorridas nas viagens cansativas. Muitas vezes pelo preço das passagens, ficava até dois dias nos aeroportos aguardando os voos para embarque e chegar ao meu destino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil ser “DOUTOR”, porém não é impossível. Requer muita fé, obstinação e foco. Tudo vale a pena, pois fica o sentimento de que estou no caminho certo, de que fiz a escolha certa e, principalmente, de que não me desviei do meu objetivo principal: a busca pela qualificação.

Das primeiras dificuldades apareceram questionamentos quanto à credibilidade e qualidade da IES nas quais eu estava cursando o Doutorado. Para esses questionamentos, foquei na certeza de que independentemente da IES, meu trabalho seria de muita qualidade, conseqüentemente, teria muita credibilidade. Acreditei em mim, no meu potencial e nos meus orientadores.

A IES, sob minha avaliação, tinha que estar credenciada e documentada segundo as normas brasileiras para que pudesse buscar a revalidação do título que fui buscar. Também não tive dúvidas de que o caminho certo estava sendo seguido.

Após ultrapassar esses obstáculos árduos, após a conclusão do curso, descobri, “a duras tentativas”, que as instituições de ensino superior brasileiras dificultam bastante o reconhecimento dos diplomas expedidos pelas instituições estrangeiras. Especialmente do Paraguai, por um preconceito evidente que se estabelece, até formalmente, nesse contexto acadêmico.

Um exemplo das dificuldades reside na questão do desrespeito ao Tratado de Paz e Amizade entre Brasil e Portugal, firmado em 2000. Além disso, a inexistência de legislação específica para o MERCOSUL que regule o processo de revalidação automática no Brasil.

Essa inexistência regulamentar comprova a longa caminhada que devemos percorrer em busca de apresentar e ter nossos títulos de *stricto sensu* apreciados, quiçá, revalidados e considerados com credibilidade e justiça por nossas instituições brasileiras.

Minha luta no curso do processo de revalidação, foi uma longa caminhada que foi percorrida. Definida uma IES brasileira com uma linha de pesquisa que se assemelhe à minha, esperei a abertura do edital e enviei a minha documentação adequada aos critérios exigidos. Isso porque:

Os diplomas de Mestrado e de Doutorado expedidos por universidades estrangeiras só poderão ser reconhecidos por universidades que possuam cursos de pós-graduação reconhecidos e avaliados, na mesma área de conhecimento e em nível equivalente ou superior (LDB, 2017, p. 36).

Seguindo tais diretrizes, vivenciei essa expectativa, com a certeza de que teria minha tese revalidada dentro dos critérios nacionais estabelecidos, vivendo todas as determinantes da demora na aprovação e, conseqüentemente, da aplicabilidade dos efeitos profissionais após essa revalidação. CONSEGUI!

Conforme Souza (2014), o alto índice de rejeição dos diplomas já foi criticado pelo presidente da Associação Brasileira de Pós-Graduados no MERCOSUL, Carlos Estephano, quem afirma que cerca de 80% dos diplomas oriundos de países do MERCOSUL não são reconhecidos no Brasil. Ainda assim, não deixei de acreditar que o curso que realizei foi de muita qualidade e me deu condições de competitividade no mercado universitário brasileiro.

Como é possível ver, sou uma pessoa persistente.

Eu não desisti, mas encarei cada tentativa como se fosse uma surpresa, não um filme repetido. Deixei o passado para trás... Ou seja, realmente 'não antecipei os acontecimentos a partir do desvio do meu pensamento'. Olhei e vi. O que já foi não é o mesmo que pode ser hoje, agora ou amanhã. Um momento de cada vez. E se não funcionar, eu mesmo vou atender minhas necessidades de outra forma (RIECKEN, 2006, p. 136).

Todas as minhas conquistas estão cheias de superação e de vitórias sobre imensos obstáculos enfrentados, porém tive a coragem e segui em frente. Vislumbrei um amanhã melhor que o hoje vivido, refletindo sobre minhas limitações, olhando um futuro mais produtivo. Então como agir após passar por tantas dificuldades? Aqui sugiro algumas dicas importantes para enfrentar os momentos difíceis:

- Programe-se para que você tenha várias possibilidades de começar e recomeçar o Projeto;
- Faça aquilo que você realmente gosta;
- Busque uma Instituição que atenda às suas expectativas individuais com regulamentação adequada aos padrões do *stricto sensu* que vai cursar;
- Pesquise um tema que você realmente se identifique e se envolva efetivamente;
- Busque um orientador com o qual possa se identificar e trocar reflexões que consolidem a sua pesquisa;
- Converse com seus antigos orientandos e veja seu currículo para que possa formular uma certeza e opinião que te levem a definir por esse orientador;
- Quando definir o seu Projeto de Pesquisa, siga em frente e não se deixe influenciar por opiniões externas que possam lhe confundir e atrasar sua pesquisa;
- Defina uma pesquisa que possibilite ter condições estruturais de realizá-la sem profundas dificuldades;
- Planeje-se de forma que no primeiro ano possa aprender coisas novas e cursar as disciplinas; tenha o segundo ano para fazer seus experimentos e

definições; e deixe o terceiro e o quarto anos para escrever, aplicar seus instrumentos de pesquisa e analisar seus resultados;

- Aproveito para destacar que a realização do Doutorado nos países sul-americanos, especialmente no Paraguai, vem ao encontro dos desafios que urgem ser superados, tanto do ponto de vista do preconceito enraizado na cultura acadêmica brasileira, quanto em relação ao avanço do conhecimento para a formação de novos pesquisadores, visando ao fortalecimento acadêmico, científico, educacional, tecnológico e social do nosso país.

Nesta perspectiva, quero aqui destacar a importância do capital humano com competência para superação das desigualdades sociais e acadêmicas de um país em franco desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Acredito que esta experiência poderá motivar outros estudantes de Roraima, de modo específico, e do Brasil, de modo geral, de maneira a contribuir para a melhoria da qualidade profissional e, conseqüentemente, do ensino. Ressalto que a experiência vivenciada reforçou substancialmente minha visão e transformou meu sonho de concretizar a pesquisa como uma prática cotidiana de desenvolvimento profissional e pessoal.

Por fim, reitero que ultrapassar as fronteiras do Brasil/Paraguai para melhor qualificação profissional e vivenciar os preconceitos e desafios impostos foi uma experiência proeminente, na qual acredito que eu e muitos colegas que passaram pelo mesmo seremos referência positiva para iniciativas similares.

Portanto, nessa trajetória percebo que o maior desafio da educação brasileira e mundial contemporânea está em restabelecer novas práticas no campo da ação docente, da pesquisa e do ensino, associando ciência e prática docente cotidiana, transformando a própria educação em um movimento sincrônico de ação-reflexão-ação, que nos permite (re)fazer, (re)pensar e (re)agir para fazer educação além fronteiras.

Aproveito para registrar meus agradecimentos a todas as escolas públicas brasileiras, em particular às escolas de Roraima; às pessoas que direta e indiretamente

me receberam e acreditaram em nossa pesquisa, mesmo que, em uma Instituição paraguaia. Em especial, agradeço aos Doutores brasileiros e paraguaios por sua disponibilidade em nos ajudar e acompanhar nesta caminhada, bem como a outras pessoas e instituições que, apesar de não citadas diretamente, fazem parte da lista dos que merecem a nossa mais profunda gratidão e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

EVANS, T.; BIRA, L.; GASTELUM, J.; WEISS, L T.; VANDERFORDET, N. L. Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nat. Biotechnol.** 36, p. 282–284, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nbt.4089>. Acesso em: 24 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO ESPERANÇA DE ENSINO SUPERIOR. **Morar longe de casa para estudar: o que você precisa saber antes de decidir**, 2019. Disponível em: <<http://iespes.com.br/post-96-morar-longe-de-casa-para-estudar-o-que-voce-precisa-saber-antes-de-decidir>>. Acesso em: 15 de jul. 2020.

LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações, **Rev. adm. empres.** vol.46, no. spe. nov/dez. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902006000500008>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MARQUES, W. L. **Quem me acordou do sonho**. 2. ed. Cianorte-PR: Vera Cruz, 2013.

RIECKEN, Claudia. **Sobreviver – Instinto de vencedor: os 12 portais da resiliência e a personalidade dos sobreviventes**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SILVA, T. C.; BARDAGI, M. P. O aluno de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 12, n. 29, 6 jun. 2016.

SOUZA, C. A. **Análise do Programa de Postgrado en Ciencias da Educación en la Universidad Evangelica del Paraguay** *percepções de los docentes, alunos y egresos*. Dissertação (Mestrado) - Universidad Evangélica del Paraguay, 2013.

SOUZA, C. A. **O acordo MERCOSUL e as percepções dos envolvidos do Brasil e do Paraguai: a pós-graduação *stricto sensu* diante dos indicadores pensamento, poder político e conhecimento**. Tese (Doutorado) - Universidad Evangélica del Paraguay, 2014.

Autora

Ana Celia de Oliveira Paz

Doutora em Educação, professora, pesquisadora e escritora membro da Academia Roraimense de Letras (ARL).